



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 117 • 04 DE JUNHO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E
SILVA

CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

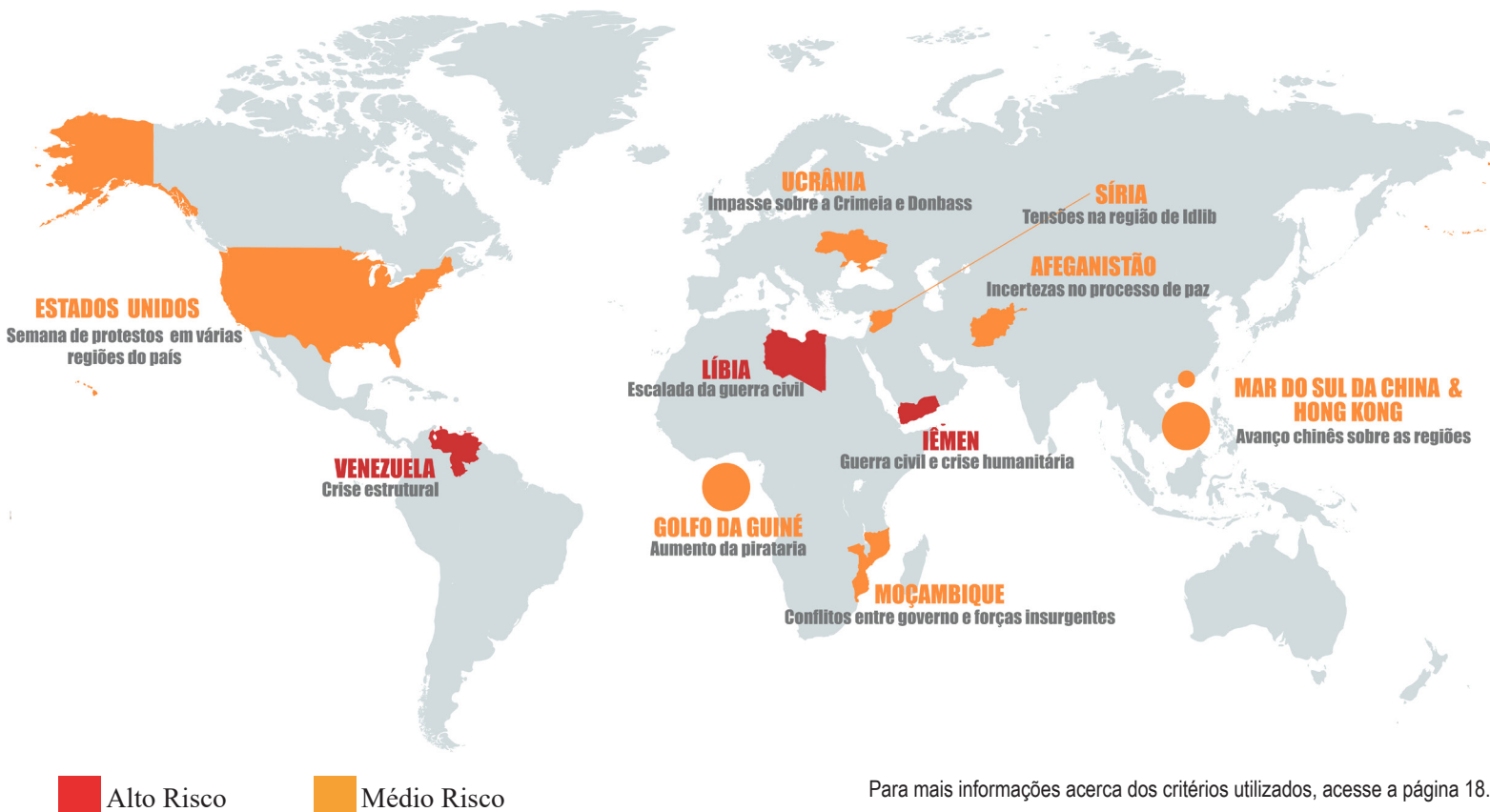
JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		
Indústria pesqueira argentina: impactos da pandemia?.....	5	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		
Marinha dos EUA testa com sucesso arma laser.....	6	
Pandemia afasta Estados Unidos e aproxima China da América Central e Caribe.....	7	
ÁFRICA SUBSAARIANA		
Crise do petróleo e debilidade fiscal na Nigéria.....	7	
A represa da discórdia entre Etiópia e Egito.....	8	
EUROPA		
As incertezas que rondam os projetos navais e nucleares britânicos.....	8	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		
Incertezas em Israel: assentamentos na Cisjordânia e posicionamento de Netanyahu.....	9	
Marinha do Egito: uma década de reaparelhamento.....	10	
RÚSSIA & Ex-URSS		
O rearmamento da Marinha da Rússia: o Almirante Golovko, o Knyaz Vladimir e o Poseidon.....	10	
		Gazprom avança com o gasoduto Power of Siberia 2..... 11
LESTE ASIÁTICO		
Contenção à China: turbulências internas e externas.....	12	
A força do dragão subaquático: classe TYPE 094A Jin da Marinha chinesa vai ao mar.....	12	
SUL DA ÁSIA		
Afeganistão como palco de disputas geopolíticas.....	13	
SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA		
Manila atualiza sua Marinha: a fragata FF-150 e outras questões.....	14	
ÁRTICO & ANTÁRTICA		
Exercícios navais conjuntos de estadunidenses e britânicos no Círculo Polar Ártico.....	14	
TEMAS ESPECIAIS		
O dilema do Estado: operações cibernéticas durante a COVID-19.....	15	
		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 16
		Calendário Geocorrente..... 16
		Referências..... 17
		Mapa de Riscos..... 18

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 135", da OMS, publicado no dia 03 de junho de 2020.



ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES						
#	País	Nº de casos registrados	Novos casos (últimas 24h)	Nº de óbitos registrados	Nº casos/100 mil habitantes	Nº mortes/100 mil habitantes
1º	ESTADOS UNIDOS	1.798.330	14.692	105.008	549,67	32,10
2º	BRASIL	526.447	11.598	29.937	251,32	14,29
3º	RÚSSIA	432.277	8.536	5.215	299,15	3,61
4º	REINO UNIDO	277.989	1.653	39.369	418,10	59,21
5º	ESPANHA	240.304	294	29.858	514,32	63,90
6º	ITÁLIA	233.515	318	33.530	386,42	55,48
7º	ÍNDIA	190.535	8.392	5.394	14,09	0,40
8º	ALEMANHA	182.370	342	8.551	219,92	10,31
9º	PERU	170.039	5.563	4.634	531,55	14,49
10º	TURQUIA	165.555	786	4.585	201,11	5,57
28º	ÁFRICA DO SUL	35.812	1.455	755	61,98	1,31
64º	AUSTRÁLIA	7.221	17	103	28,89	0,41

Indústria pesqueira argentina: impactos da pandemia?

Carlos Silva Júnior

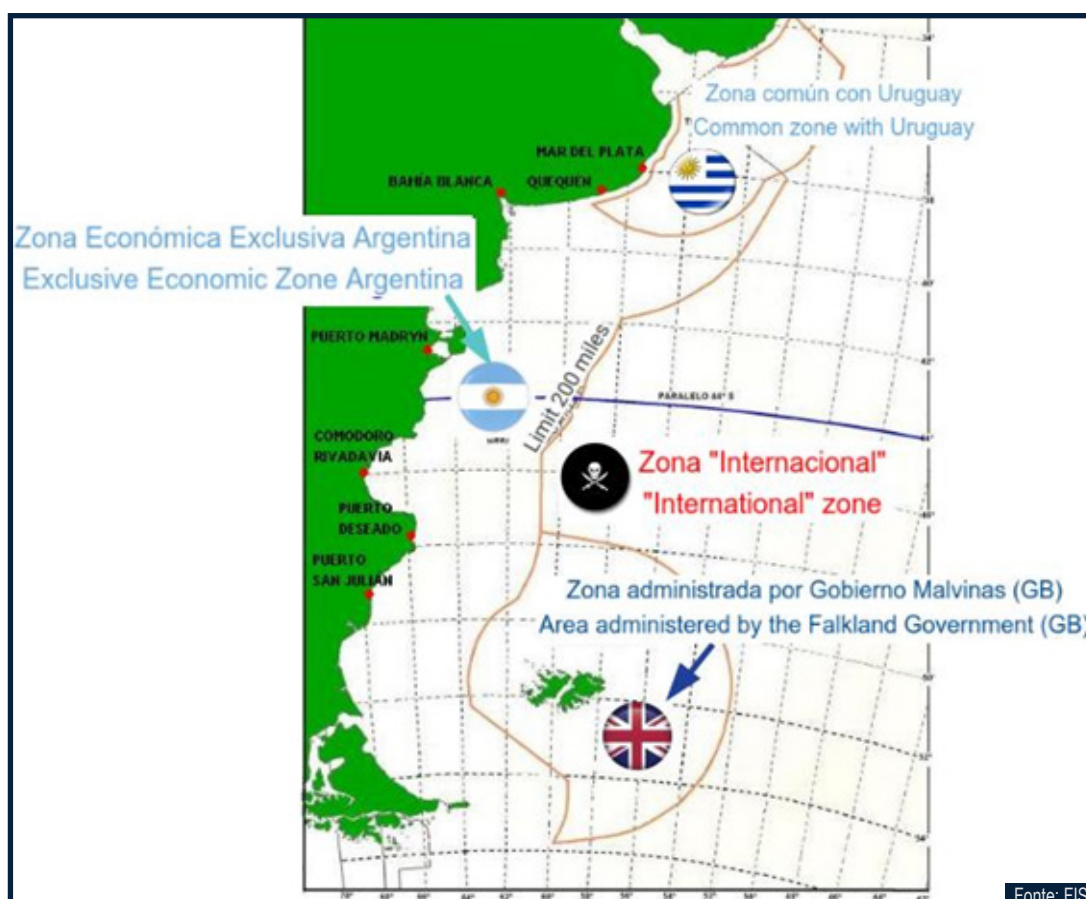
A primeira quinzena de maio na Argentina foi marcada pelas ações de combate à pesca ilegal, não regulamentada e não declarada (INN), um evento recorrente e de sérios impactos econômicos. Nos dias 03 e 04 de maio, dois barcos pesqueiros estrangeiros foram detidos por pescarem na Zona Econômica Exclusiva do país, sendo um de bandeira portuguesa e o outro chinesa, respectivamente. No dia 13, outra embarcação chinesa, que já havia sido identificada e perseguida em 28 de abril, foi detida também pela atividade ilegal.

No final de abril, foi relatada a presença de centenas de barcos pesqueiros, a maioria de bandeira chinesa, na milha náutica 201, portanto em Águas Internacionais, na altura do Porto Madryn, o segundo em importância para indústria nacional de pesca. Esses barcos contavam com a escuridão da noite em alto mar, o dispositivo de rastreamento desligado e a baixa vigilância para entrar na ZEE argentina, uma estratégia já conhecida pela Marinha argentina e *Prefectura Naval*.

Desde os anos 90, a pesca nacional tem sua produção voltada para exportação, cerca de 90%, sendo os principais destinos: a União Europeia (em especial,

Espanha e Itália), a China e os EUA. Em 2019, a exportação de produtos do mar somou cerca de US\$ 1,5 bilhão, correspondendo a 2,9% das exportações totais. Ainda que a representatividade econômica pareça mínima, o ministro de Agricultura, Pecuária e Pesca, Luis Bastera, conta com o setor como um dos motores para reativar a economia pós-pandemia. Todavia, com as atuais medidas de restrições portuárias e aéreas, estima-se uma queda de 30% das exportações de produtos do mar no ano corrente. Adicionalmente, estudos indicam que o custo da pesca INN para o país é de cerca de US\$ 2 bilhões por ano em matéria prima ou US\$ 14 bilhões no processo de comercialização.

Por fim, deve-se considerar também a concessão dada pelo governo local das Ilhas Malvinas à pesca estrangeira nas suas águas territoriais ([Boletim 113](#)), e como o arquipélago será impactado num acordo sobre pesca entre Reino Unido e União Europeia; e o Uruguai, com quem tem uma zona de pesca compartilhada e cujo principal porto, de Montevidéu, é o segundo mais visitado por navios que super exploram a pesca ([Boletim 100](#)).



Marinha dos EUA testa com sucesso arma laser

Ana Carolina Farias

Em 16 de maio de 2020, durante a realização de um teste de um sistema de arma laser pela Marinha dos Estados Unidos da América, em Pearl Harbor, no Havaí, o navio anfíbio *USS Portland (LPD-27)* da classe *San Antonio* disparou sua arma laser de alta potência, abatendo um veículo aéreo não-tripulado (VANT). Este navio foi escolhido para ser o primeiro a testar no mar o *Solid State Laser – Technology Maturation Laser Weapon System Demonstrator (LWSD) MK 2 MOD 0*, desenvolvido pela empresa *Northrop Grumman*. Tal experimento demonstra que defesa e desenvolvimento científico-tecnológico estão cada vez mais relacionados, modificando o modo de fazer guerra no futuro.

De acordo com o *Goldman Sachs Research*, entre os anos de 2016 e 2020 foi estimada uma oportunidade de mercado para drones em US\$ 100 bilhões, sendo o principal mercado o militar, com US\$ 70 bilhões. Com as tensões geopolíticas e o avanço tecnológico, há uma crescente demanda internacional por drones. Os EUA são o país que mais investe em defesa no mundo ([Boletim 115](#)), e o que mais gasta com essa tecnologia,

com estimados US\$ 17,5 bilhões entre os anos fiscais de 2017 a 2021. Os VANTs são relativamente de baixo custo, de difícil rastreamento e possibilitam atividades de inteligência, vigilância e reconhecimento, expandindo o escopo das missões. Outro aspecto que não deve ser desconsiderado é que por atuarem remotamente ou ainda até de forma autônoma, reduzem as perdas de militares.

Nota-se a preocupação do governo norte-americano com o desenvolvimento dessas tecnologias cruciais, por meio de um dos maiores orçamentos da história do *Research Development Test & Evaluation (RDT&E)*, requerido para o ano fiscal de 2021: US\$ 106,6 bilhões. O RDT&E é responsável pelo desenvolvimento científico-tecnológico com objetivo de manter a superioridade tecnológica dos Estados Unidos no campo de batalha. Logo, o exitoso teste da nova arma laser demonstra a necessidade do investimento em ciência e tecnologia para desenvolver instrumentos inovadores em defesa de uma forma eficiente, segura e de baixo custo, visando uma realidade de conflitos gradativamente mais híbridos.

U.S. Navy high-energy laser test

The U.S. Navy says it has successfully tested a new high-energy laser weapon that can shoot down aircraft in mid-flight

LASER WEAPON CAPABILITIES

1 Ship: Needs enough space and spare electrical power to host laser

USS Portland
Shot down drone with laser on May 16

2 Laser: Can be fired again and again, at more targets than ship's onboard supplies of missiles and ammunition can handle

3 Beam: Engages by line of sight, reaching target almost instantly (no need to plot intercept course)

4 Target: Beam's precise focus causes disabling damage in seconds, even if target tries to manoeuvre

Cost: Less than \$1 per laser shot – gives ship alternative to using expensive interceptor missiles against small targets such as drones

Fonte: Graphic News

Pandemia afasta Estados Unidos e aproxima China da América Central e Caribe

Victor Cabral

Em 21 de maio de 2020, o presidente guatemalteco, Alejandro Giammattei, veio a público criticar a postura dos Estados Unidos em deportar imigrantes infectados com a COVID-19. Segundo o mandatário, as deportações estão lotando os centros de quarentena do país e pressionando ainda mais o combalido sistema de saúde, enquanto os EUA não ajudam no enfrentamento da pandemia com dinheiro e insumos. Em resposta às críticas de Giammattei, a embaixada dos EUA afirmou que já doou US\$ 2,4 milhões ao país para o enfrentamento da pandemia. Além da Guatemala, México, Haiti e El Salvador também registraram deportados infectados.

Giammattei também afirmou que a Guatemala segue sendo aliada aos EUA, mesmo que a condição aparentemente não seja recíproca. Ainda que a Guatemala esteja alinhada com a política externa estadunidense, inclusive reconhecendo Taiwan, a aproximação com a China durante a pandemia é cada vez maior. Recentemente, o país recebeu doações de algumas cidades chinesas por meio de esforços paradiplomáticos e por empresas tecnológicas, como a *Huawei*, que faz uso da inteligência artificial como mecanismo de controle pandêmico e de rastreamento do vírus no país.

No mesmo sentido, Cuba já recebeu doações de centenas de milhares de máscaras faciais, de ambulâncias e de auxílio tecnológico para a produção de um medicamento antiviral que pode ser útil no combate à COVID-19. México também recebeu doações de respiradores, kits de testes e máscaras chinesas. A “diplomacia da máscara” chinesa surge para criar a imagem de benfeitora, ao auxiliar países a enfrentarem a pandemia, e criar confiança em sua política ao afastar a região de seu histórico parceiro estratégico, os Estados Unidos da América.

No cenário de recessão na América Latina e Caribe de 4,6% para 2020, segundo previsão do Banco Mundial, e com a possível manutenção da postura protecionista dos EUA, surge uma oportunidade da China voltar a investir em negócios e infraestrutura na região, que é um dos principais mercados emergentes da atualidade. Caso os EUA voltem a investir nos países, poderá encontrar um polo de produção das cadeias globais de suprimentos mais próximo de suas indústrias, tornando-o menos dependente da China, como exposto, na busca de insumos durante a pandemia.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Crise do petróleo e debilidade fiscal na Nigéria

João Victor Marques Cardoso

Em maio de 2020, o governo Buhari completou cinco anos na Nigéria. Eleito em 2015 sob as bandeiras do combate à corrupção, da diversificação econômica e da luta contra o grupo extremista Boko Haram, a transferência pacífica de poder marcou um passo adiante na consolidação democrática. Reeleito em 2019, os mesmos desafios ainda permanecem na rotina política nacional e podem se intensificar com o preço reduzido do petróleo no mercado, por ocasião dos efeitos adversos da pandemia de COVID-19.

O orçamento federal de 2020, que logrou ser restabelecido ao ciclo janeiro-dezembro após doze anos, foi o primeiro elemento a ser impactado pelo contexto crítico. Em março, sofreu um corte em torno de US\$ 2,6 bilhões, após a redução de US\$ 57 para US\$ 30 no preço de referência do barril de petróleo e a previsão de queda de 45% na arrecadação de receitas. Ademais, interrompeu-se o regime de subsídios à gasolina, a fim de reduzir a pressão sobre os já limitados recursos orçamentários. Sendo o petróleo responsável por cerca de 70% das receitas públicas, pesam a ausência de novos

investimentos em exploração e produção nos últimos treze anos, bem como o reduzido preço dos hidrocarbonetos, que inibe a capitalização das reservas provadas (36,9 bilhões de barris de petróleo e 5,7 trilhões de m³ de gás natural).

Nesse sentido, a capacidade de cumprir despesas correntes e de capital, assim como de socorrer os entes subnacionais, torna-se comprometida. Em 2017, por exemplo, um pacote de resgate aos estados, com a finalidade de cumprir o pagamento de salários e pensões, somou mais de US\$ 6,3 bilhões. O alerta fiscal é explicativo acerca da recente solicitação da Presidência à Assembleia Nacional de um aval a empréstimo externo de US\$ 5,5 bilhões. Urge-se, portanto, instrumentos eficazes para rolar a dívida pública (17,5% do PIB) e arcar com os US\$ 27,6 bilhões em dívida externa. Embora a despesa fixa das Forças Armadas não seja alvo do corte orçamentário, tratando-se de um país com sérias questões socioeconômicas, a debilidade fiscal pode escalar conflitos nas zonas internas de importância, à medida que as condições de sobrevivência se degradem.

A represa da discórdia entre Etiópia e Egito

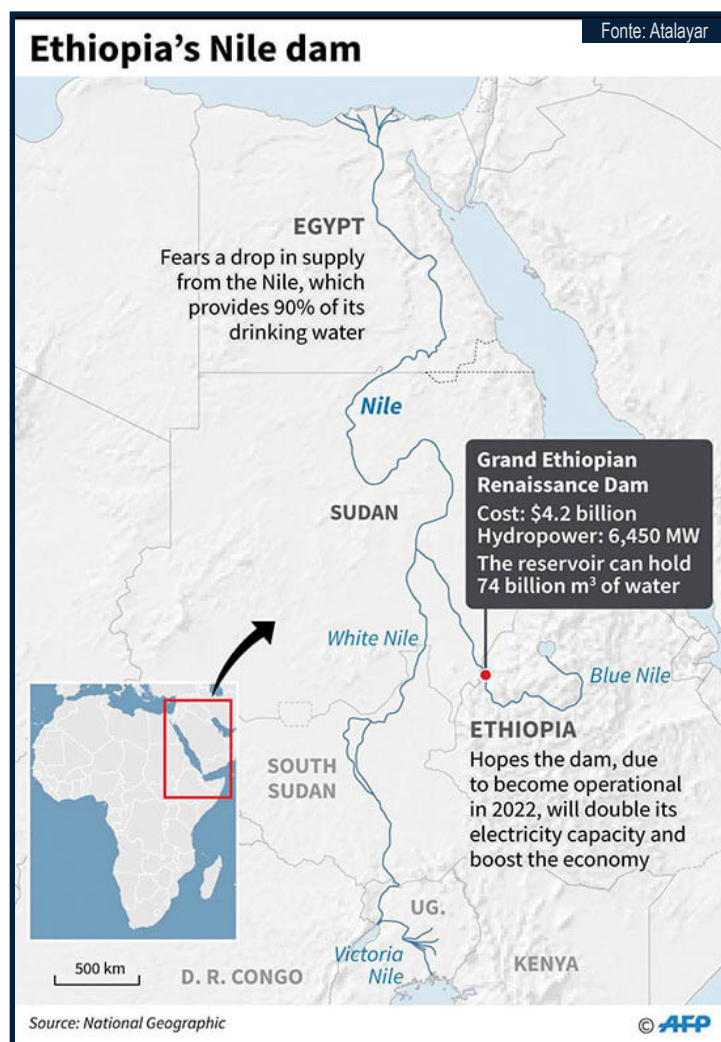
A controvérsia que divide Egito e Etiópia quanto ao uso do Rio Nilo segue se intensificando. No dia 20 de maio de 2020, foi revelado que a Etiópia instalou baterias antiaéreas nos arredores da Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), represa que a Etiópia está construindo desde 2011 e que é o pivô da disputa entre os dois países. A militarização da questão pela Etiópia segue a decisão do presidente egípcio Al-Sisi de levar a questão até o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) no início de maio.

A GRRE, que será a maior represa da África e a oitava maior do mundo em capacidade instalada quando concluída, é fonte de tensões entre os dois países desde o anúncio de sua construção. O Egito, dependente do Nilo para a irrigação, seria fortemente prejudicado pela redução na vazão do rio ([Boletim 109](#)). Assim, 85% da água do país deriva do Nilo, e a represa desviaria sedimentos que funcionam como fertilizantes naturais, prejudicando a agricultura egípcia. O governo egípcio, portanto, busca há anos um acordo com a Etiópia, obtendo ano passado a mediação dos EUA, seu maior aliado. O acordo apresentado pelo governo norte-americano, contudo, desagradou a Etiópia, que abandonou as negociações no início de março de 2020.

O anúncio da queixa egípcia ao CSNU surpreendeu a Etiópia, que havia defendido a África do Sul como nova mediadora. Lideranças etíopes criticaram o Egito por ignorar a jurisdição da União Africana. As tensões crescentes levaram o primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed, a declarar a possibilidade de mobilização de um milhão de homens para defender a represa, enquanto o governo de Al-Sisi defende o uso de “todos os meios possíveis” para proteger o povo egípcio. A retórica bélica é acompanhada de medidas práticas, uma vez que a

Franco Alencastro

Etiópia prossegue com o plano de encher a represa. A primeira etapa de preenchimento se iniciará em julho deste ano, com acréscimo de 5 bilhões m³, para uma capacidade total de 75 bilhões m³. Tudo indica, portanto, que as tensões continuarão aumentando, e que um acordo se encontra mais longe do que antes.



EUROPA

As incertezas que rondam os projetos navais e nucleares britânicos

Matheus Mendes

Ainda neste ano, o Reino Unido deve reiniciar a concorrência, interrompida em novembro de 2019, para a construção de navios logísticos de apoio à Marinha Real Britânica. Tratam-se de três embarcações de 40.000 toneladas referentes ao Programa *Fleet Solid Support* no valor de £1,5 bilhões (R\$ 10,1 bilhões, aproximadamente). À época da suspensão do programa, haviam dois consórcios participantes: 1) a espanhola *Navantia*; e 2) o *Team UK*, que reúne a *BAE Systems*, *Babcock International*, *Cammell Laird* e *Rolls-Royce*.

É interessante notar esta orientação do governo, uma vez que o país está imerso em pelo menos três crises gerais e uma específica: a do coronavírus, que é comum a todos e já impacta negativamente a economia – o governo registrou uma queda de 2% do PIB no primeiro trimestre de 2020; a do *Brexit*, que deve afetar as finanças no médio e longo prazo; e da sua indústria naval, que dá sinais de extrapolação de gastos e prazos de entrega.

Em janeiro de 2020, foi publicado um relatório pelo *National Audit Office* considerando os projetos >>>

de montagem e desmontagem de reatores nucleares da MENSA; substituição de instalações da *Rolls-Royce* para receber núcleos de reatores nucleares de submarino, e a construção das primeiras instalações da *BAE Systems* para a construção dos submarinos classe *Dreadnought*, substituto dos *Vanguard*, estimados em quase £5 bilhões (R\$ 33 bilhões, aproximadamente), já foram superados em US\$ 1,67 bilhões (R\$ 9 bilhões, aproximadamente), assim como atrasos que variam de 2 a 6 anos.

O adiamento da publicação da nova Estratégia de Segurança e Defesa é um outro fator de expectativa. Tal revisão será importante para posicionar o país no pós-coronavírus, estabelecendo a nova visão e a forma

de atuação das Forças Armadas já a partir de 2020, considerando principalmente os futuros impactos do *Brexit*.

Esse cenário apresenta alguns desafios enfrentados pelo Reino Unido na condução de suas políticas de Defesa. O país está em fase de transição, que deve durar, pelo menos, até o final de 2020, quando sairá em definitivo da União Europeia (UE). A estagnação econômica ainda pode se prolongar a depender de como se dará essa nova relação com a UE, o aprofundamento da sua relação com EUA e OTAN, e o "novo normal" estabelecido pelo coronavírus e suas consequências econômicas ao país.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Incertezas em Israel: assentamentos na Cisjordânia e posicionamento de Netanyahu

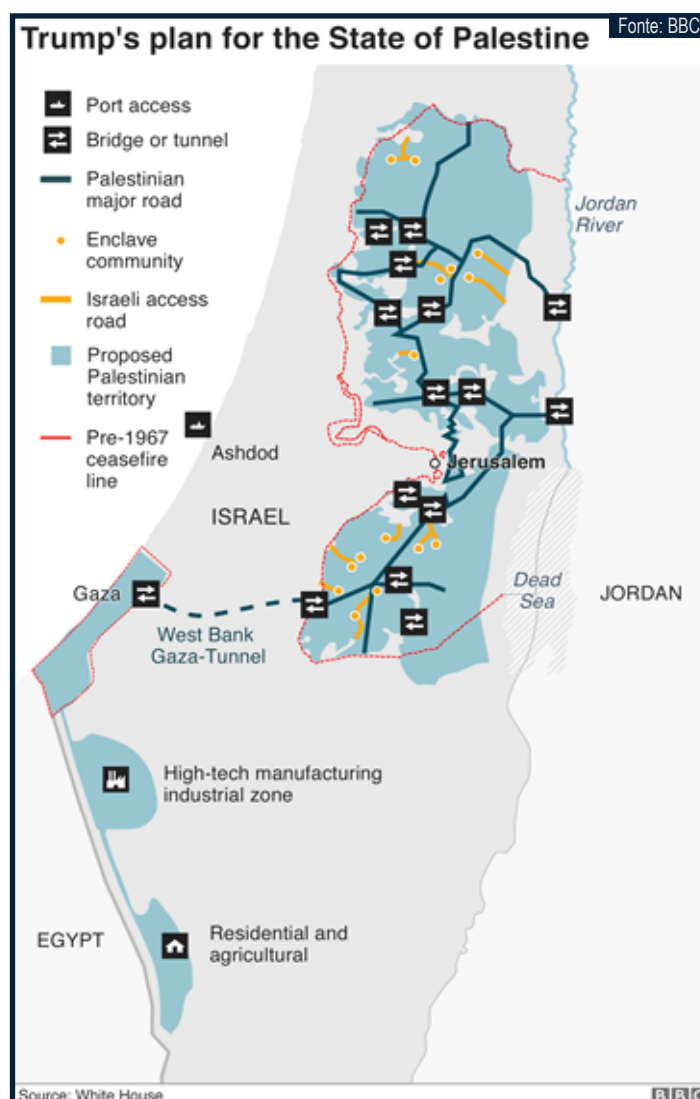
Pedro Albit

No dia 17 de maio de 2020, após três eleições fracassadas e uma crise política que já passava dos 500 dias, um acordo surpreendente conseguiu formar o novo gabinete de governo israelense. O já primeiro-ministro Benjamin Netanyahu costurou um acordo com seu rival nas eleições, Benjamin Gantz, pelo qual Netanyahu será o primeiro-ministro interino pelos próximos dezoito meses enquanto Gantz se mantém como ministro da Defesa, além de este ter metade dos ministérios e poder de veto sobre diversas questões políticas. Após esses dezoito meses, invertem-se as posições, e Gantz assume como primeiro-ministro pelo resto do mandato.

Todavia, uma das questões sobre as quais Gantz não tem poder de veto é a da anexação de porções da Cisjordânia. Em sua posse, Netanyahu assegurou que avançaria com o projeto de anexação a partir de 1º de julho, com o aval dos EUA. Vale lembrar que, em janeiro, foi divulgado um plano de paz pelo governo do presidente Donald Trump ([Boletim 110](#)), que assegurava soberania israelense sobre porções da Cisjordânia com assentamento judeu (cerca de 30% do território), área estratégica por dar controle sobre o Vale do Jordão e a fronteira com a Jordânia.

A declaração de Netanyahu provocou nova inflamação na disputa territorial. O presidente da Organização pela Libertação da Palestina, Mahmoud Abbas, anunciou no dia 19 que esta se absteria de todos os acordos assinados com os EUA e Israel em 1993, em Oslo, principalmente os de coordenação de segurança. A declaração também foi mal recebida internacionalmente, com declarações de Turquia, União Europeia, Irã e Jordânia de que não aceitarão avanço israelense na anexação deste território. Um avanço israelense na Cisjordânia pode significar, portanto, tanto o isolamento internacional de Israel quanto maior radicalização dos Estados árabes e do Irã.

Além disso, há de se considerar que, uma semana após a posse do governo, iniciou-se o julgamento de Netanyahu por corrupção. O processo deve durar meses – a próxima sessão está marcada para 19 de julho – e Netanyahu não é obrigado a renunciar antes que todos os recursos estejam esgotados.



Marinha do Egito: uma década de reaparelhamento

André Nunes

Situado no Norte da África e banhado pelos mares Mediterrâneo e Vermelho, o Egito é o país detentor da maior Marinha de guerra do continente africano e do mundo árabe. A partir de 2017, o país passou a contar com duas sedes de esquadra: uma na base de Alexandria, no Mediterrâneo; e a outra, a mais recente, em Port Safaga, no Mar Vermelho.

O Egito também conta com outras bases navais em locais estratégicos, como a de Gargoub, no Noroeste do país; a de Port Said, próxima ao Canal de Suez; e a de Ras Banas, na parte Sul da costa do Mar Vermelho. Estas, junto com Port Safaga, têm apoiado as missões navais egípcias na Operação Tempestade Decisiva, lançada em 2015 por ocasião da Guerra do Iêmen, sendo o Egito parte da coalizão liderada pela Arábia Saudita no conflito.

A Marinha do Egito tem passado por um rápido processo de reaparelhamento nos últimos dez anos. Em 2011, a Marinha e a empresa alemã *ThyssenKrupp* fecharam um acordo para a construção de dois submarinos *Type 209/1400* e depois mais dois a partir de 2015. O terceiro foi entregue em maio de 2019 e a finalização do quarto está prevista para até 2021. É possível que

tais embarcações substituam gradativamente os quatro em atividade da classe *Romeo* adquiridos da China na década de 1980 e atualizados em parceria com os Estados Unidos para, entre outras coisas, empregar mísseis antinavio *Harpoon*.

No que diz respeito a navios de superfície, em 2016, o país adquiriu dois porta-helicópteros da classe *Mistral* construídos pela francesa *Naval Group*, após o cancelamento do contrato com a Rússia devido à crise na Ucrânia. A *Naval Group* é também responsável pela entrega de uma fragata FREMM, em 2015, e de quatro corvetas da classe *Gowind* para a Força Naval egípcia. Em 2017, também foi recebida uma corveta sul-coreana descomissionada um ano antes.

O reaparelhamento da Marinha concede ao Egito a capacidade de ampliar sua presença naval nos mares Mediterrâneo e Vermelho para proteger e atuar em áreas como o campo *offshore* de gás natural Zohr, um dos maiores da região, e o Estreito de Bab el-Mandeb, cuja livre navegação é essencial para o tráfego de navios pelo Canal de Suez, importante fonte de receitas para o Cairo.

RÚSSIA & Ex-URSS

O rearmamento da Marinha da Rússia: o Almirante Golovko, o Knyaz Vladimir e o Poseidon

Pérsio Glória de Paula

Apesar da pandemia, a indústria de Defesa russa não suspendeu suas atividades, e o governo russo não alterou o cronograma de exportações de equipamentos bélicos e nem de aquisições para o uso de suas Forças Armadas. Um exemplo são as aquisições da Marinha russa, que recebeu, em maio de 2020, duas novas belonaves de última geração. A primeira é a fragata *Admiral Golovko*, da classe *Admiral Gorshkov*, considerada a classe de navios de superfície mais avançada da Rússia. Essa é a terceira fragata desse tipo produzida pelo país, sendo capaz de usar armamentos modernos, como os mísseis de cruzeiro *Kalibr*, os mísseis antinavio *Onyx* e outros avançados equipamentos de guerra eletrônica e defesa antiaérea. A outra belonave é o submarino nuclear lançador de mísseis balísticos (SNLMB) *Knyaz Vladimir*, da classe *Borei-A*, cujo lançamento sofreu um atraso de dois anos, devido à introdução de novos sistemas e problemas técnicos.

Além dessa não paralisação demonstrar a importância do setor de defesa para o PIB industrial russo e para a economia – já que sustenta mais de três milhões de postos de trabalho – ela também destaca a relevância do ambicioso programa de rearmamento da Marinha russa. Iniciado em 2011, esse programa contempla tanto

as aquisições de belonaves tradicionais quanto prevê o desenvolvimento e o emprego de novas tecnologias que servem não só para a projeção de poder, mas também para dissuasão estratégica, como é o caso do *Poseidon*.

O *Poseidon* é um veículo submarino não tripulado de longo alcance e grande capacidade de ocultação, movido por um mini reator nuclear e capaz de carregar ogivas nucleares, sendo, portanto, uma arma estratégica assimétrica, já que é capaz de dificultar sua detecção por sistemas de defesa passiva e, obviamente, dos sistemas de defesa de superfície, como mísseis antibalísticos, lasers e canhões eletromagnéticos. O *Poseidon* depende de submarinos com capacidades específicas para ser empregado e pode ser usado tanto contra alvos litorâneos quanto contra alvos navais. A Marinha russa conta atualmente com um submarino nuclear de propósito especial para empregar esse armamento, o *K-329 Belgorod*, que deverá realizar os primeiros testes com o *Poseidon* no Ártico, no segundo semestre de 2020. Além dele, um segundo submarino nuclear capaz de empregar essa arma está previsto para ser entregue ainda em junho, o *Khabarovsk*.

Gazprom avança com o gasoduto Power of Siberia 2

Luiza Guitarrari

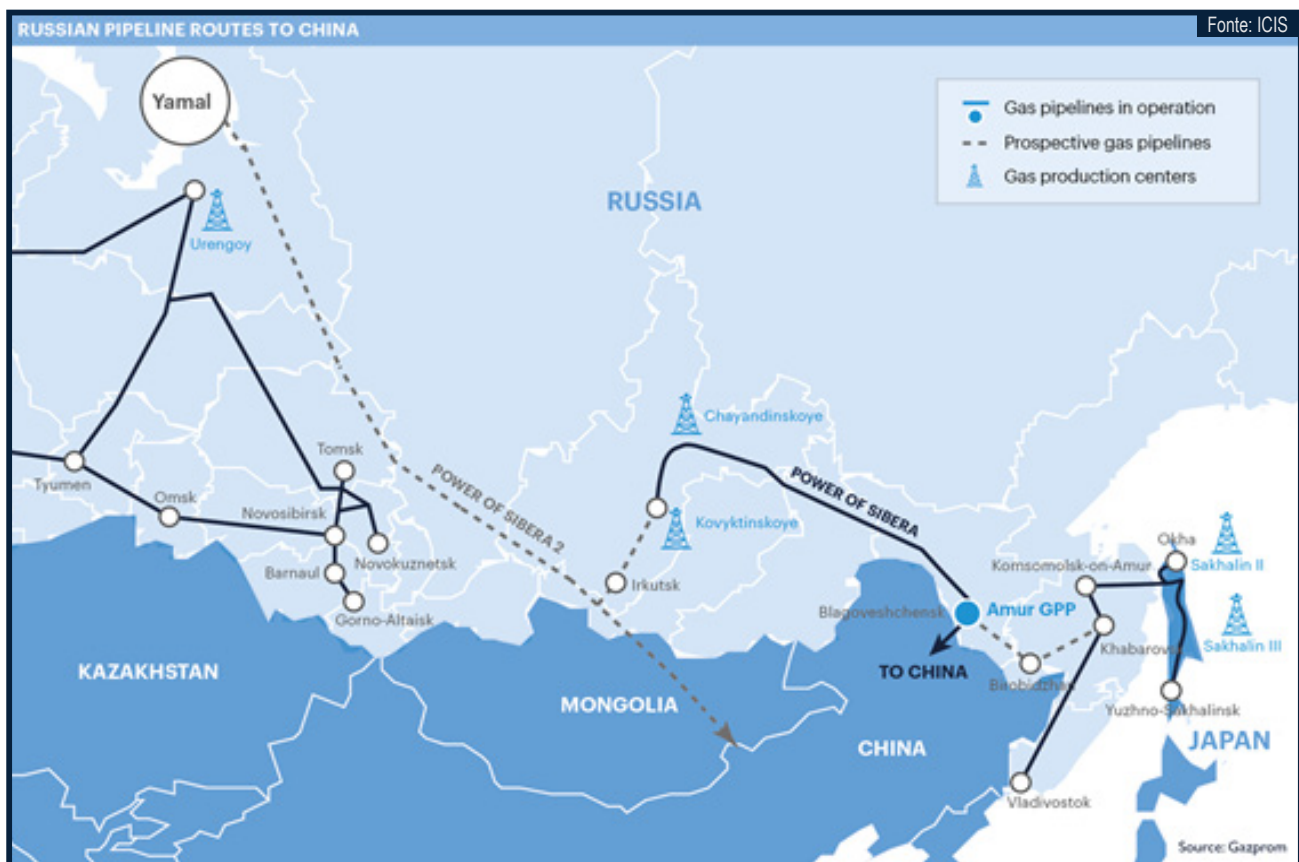
No dia 18 de maio, o CEO da empresa russa *Gazprom*, Alexey Miller, anunciou avanço nos planos de construção do segundo grande gasoduto com destino à China, o *Power of Siberia 2*. A decisão foi tomada após reunião com o presidente Vladimir Putin no final de março, que sinalizou aprovação para a continuidade do projeto. Segundo Miller, o objetivo é “conectar a infraestrutura de transporte de gás no oeste e leste da Rússia.” Apostando no crescimento da demanda de gás a longo prazo, a nova rota permite à Rússia competir com demais gasodutos na Ásia Central e compensar uma provável queda na demanda da União Europeia.

Com mais de 6.000 km de extensão e estimado em US\$ 20 bilhões, o gasoduto está pronto para entrar na fase de pré-investimento entre a *Gazprom* e a *China National Petroleum Corporation* (CNPC) e deve ser entregue em 2030. De acordo com estimativas, o projeto deverá bombear 50 bcm de gás por ano para a China via Mongólia, a partir de campos de gás no oeste da Sibéria, na Península de Yamal. Considerada a região mais remota do país e contendo as maiores reservas energéticas russas,

a construção do *Power of Siberia 2* irá abrir nova rota para exportações de energia russa, a partir da conexão da atual rede de dutos do oeste a uma nova rede do leste.

Aliado a outras importantes rotas, como o *Turkstream* e o *NordStream 2*, o projeto faz parte da Estratégia Energética russa. Esta estipula que as exportações russas atinjam 300 bcm por ano até 2035, dentre os quais 80 bcm tenham a China como destino final. Segundo a Agência Internacional de Energia, o país superou o Japão, tornando-se o segundo maior importador de gás natural no mundo e correspondendo a cerca de 43% da demanda na Ásia. Assim, após ver sua demanda quadruplicar na última década, a China acabou se destacando como ponto focal do mercado mundial de gás.

Os laços entre Moscou e Pequim parecem cada dia mais fortes. Importante acompanhar os movimentos de Washington, que de tudo fará para romper esses laços. A Águia sabe que a união entre o Dragão e o Urso em nada contribuirá para manutenção de sua posição de hegemonia global.



Contenção à China: turbulências internas e externas

Philippe Alexandre

Nos últimos dias, vieram à tona importantes acontecimentos envolvendo China, Hong Kong, Taiwan, EUA e OMS. Tantas informações talvez possam parecer desconexas e confusas, mas este texto evidencia que todos os eventos com tantos atores estão conectados.

Primeiramente, parte-se da disputa hegemônica entre China e EUA, que caracteriza o atual sistema internacional. Hoje Pequim representa um oponente relevante à hegemonia estadunidense, pois uma nova ordem internacional – em que a China seja mais atuante e influente – desafia a ordem do pós-Guerra Fria, em que os EUA saíram como a única superpotência, detendo a vanguarda tecnológica, econômica, militar e o mais poderoso *soft power*. Dessa forma, Donald Trump busca enfraquecer essa projeção internacional chinesa por meio de suas fraquezas: desenvolvimento tecnológico, grande dependência do comércio internacional, atuação nos organismos multilaterais e a tensão entre Pequim, Hong Kong e Taiwan.

Uma juíza canadense decidiu, em 29 de maio, continuar com a extradição de Meng Wanzhou, diretora financeira da *Huawei* (maior empresa de equipamentos 5G do mundo), para os EUA, que a acusam de fraude bancária e espionagem. Além disso, dois dias antes, o secretário de Estado, Mike Pompeo, anunciou ao

Congresso dos EUA que por Hong Kong já não ser politicamente autônoma à China, o território deixaria de receber tratamento especial dos EUA. Hong Kong, então, passaria a ter o mesmo tratamento da China em questões comerciais, sendo prejuízo de bilhões de dólares para Hong Kong, pois afasta investidores e prejudica a China, que usa Hong Kong como uma intermediária nas suas relações com o resto do mundo. Esta é uma resposta à nova lei de segurança para Hong Kong aprovada pelo Congresso chinês diante dos meses de protestos contra interferências de Pequim no território. Por fim, o apoio que a presidente pró-independência reeleita de Taiwan, Tsai Ing-wen, vem dando aos manifestantes de Hong Kong que buscarem asilo na ilha. Taipei tem se posicionado contra as movimentações de Pequim, valendo-se do apoio internacional dos EUA, vendendo armamentos e pressionando pelo seu reconhecimento junto à OMS, alvo de críticas de Trump.

Portanto, a partir das críticas e dos movimentos separatistas internos da China, Washington tem agido para conter a sua expansão: conjuntura anterior à crise da COVID-19, mas que com ela se aprofundou. A questão é como o Brasil deve posicionar-se neste cenário internacional turbulento entre os seus principais parceiros.

A força do dragão subaquático: classe TYPE 094A Jin da Marinha chinesa vai ao mar

Vinicius Costa

Além das comemorações navais do mês de abril, a Marinha do Exército de Libertação Popular (*PLA Navy*) tem sido presenteada por anos consecutivos com um intenso ritmo de lançamento de novas belonaves, mas um presente merece ser destacado: o lançamento de dois novos submarinos nucleares estratégicos (SSBN), que entraram em serviço a tempo para as comemorações do 71º aniversário da *PLA Navy*.

As duas belonaves recém-lançadas (construídas pelo estaleiro *Bohai Shipyard*) pertencem à classe *Type 094A Jin*, que atualmente conta com quatro belonaves no serviço ativo (já contando com as duas recém-lançadas) e com mais duas sendo planejadas para o futuro. Deslocam 11.000 toneladas quando submersos, possuem um comprimento de 135m e largura de 12,5m. Possuem como propulsão um reator nuclear (não especificado) com um hélice. Podem carregar 12 mísseis *JL-2*. Tal tipo de armamento é o primeiro míssil balístico intercontinental lançado por submarino (SLBM) chinês capaz de atingir

partes dos Estados Unidos (EUA) a partir da costa chinesa, possuindo um raio de alcance de 7.200 km e transportando uma ogiva de 1 megaton.

Tal aquisição naval tem grande impacto internacional e regional, a começar pelo seu valor estratégico. Um SSBN é uma arma de grande importância estratégica por compor a Tríade Nuclear, capacidade de lançamento de um arsenal nuclear estratégico que consiste em três componentes básicos: mísseis balísticos intercontinentais terrestres (ICBMs), bombardeiros estratégicos e mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBMs), em que a combinação destes elementos garante, ao Estado que a possui, a capacidade de retaliar uma agressão nuclear, poderosíssimo elemento de dissuasão internacional e condução de política externa.

Além do valor estratégico, tal aquisição é dotada de alto valor simbólico. SSBNs são equipamentos de alta complexidade científica, tecnológica e industrial. Seu desenvolvimento requer elevadíssimo e contínuo »

esforço nacional em termos financeiros, científicos, tecnológicos, industriais e humanos, algo que a RPC vem engendrando continuamente desde os anos 80 e, mesmo assim, tendo imensas dificuldades de construir submarinos qualitativamente comparáveis às contrapartes

estadunidenses, russas, britânicas e francesas (esforço que os indianos também engendram), mas que agora tais esforços demonstram alcançar resultados minimamente esperados para as pretensões chinesas na seara internacional.

SUL DA ÁSIA

Afeganistão como palco de disputas geopolíticas

Após a inquietação política que gerou contratempos na agenda para paz ([Boletim 114](#)), o governo afegão decidiu mudar o cenário político e, no dia 17 de maio, foi divulgado o anúncio de que o atual presidente Ashraf Ghani e seu rival Abdullah Abdullah irão, finalmente, pôr em prática um governo compartilhado, onde cada um terá 50% de participação. Por mais que essa nova organização possua diferentes aspectos da tentativa de governo compartilhado em 2014, o Governo de Unidade Nacional, alguns atores permanecem preocupados.

Essa divisão da administração do país direcionou Abdullah para agendas específicas. Ele ficará responsável por ministérios como: da Indústria e Comércio; de Refugiados e Repatriação; da Economia, entre outros. Todavia, com a criação do Conselho Superior de Reconciliação Nacional, Abdullah liderará o processo de paz, em que, para as medidas serem executadas, é preciso que haja consenso nacional, regional e internacional; além de objetivarem apoio e assistência internacional para o território afegão no “pós-paz”, momento em que já não haverá mais tropas norte-americanas.

Marina Corrêa

Sendo assim, os seguintes países: China, Irã, Paquistão e Rússia participaram, no dia 18 de maio, de uma videoconferência para discutir as próximas medidas a serem tomadas no Afeganistão. A saída dos Estados Unidos abre uma lacuna para inserção de outros *players* no país. Contudo, nas entrelinhas, os EUA estão buscando deixar um sucessor confiável, influenciando e dando apoio à Índia. Nesse contexto, um tabuleiro é criado e dividido, de um lado EUA e Índia e do outro China e Paquistão. Nota-se uma neutralidade do Irã, o qual, dependendo do momento, joga de algum dos lados, respeitando seus interesses nacionais.

Para a China, é fundamental o estabelecimento de um Afeganistão estável, tornando viável a estruturação do Corredor Econômico China-Paquistão, e do *Five Nations Railway Corridor* o qual inclui o Irã; além disso, a China é o maior investidor estrangeiro no Afeganistão. Em contrapartida, a Índia está tentando se inserir diretamente no país, mas também, indiretamente, ao buscar apoio do Irã (Porto de Chabahar, [Boletim 90](#)) para contrabalançar essa forte influência de seus maiores rivais regionais.



Fonte: Recca

Manila atualiza sua Marinha: a fragata FF-150 e outras questões

Matheus Bruno Pereira

Em maio de 2020, foi entregue às Filipinas o *FF-150 BRP Jose Rizal*, que passou por testes de desempenho desde o final do ano passado. A fragata lança-mísseis é a primeira de duas encomendas realizada à *Hyundai Heavy Industries*, da Coreia do Sul. O navio ainda passará por inspeções técnicas, sendo a cerimônia de comissionamento programada para junho. A segunda fragata, *FF-151 Antonio Luna*, tem sua entrega programada para o mês de novembro desse ano.

A entrega da embarcação faz parte de um processo de modernização almejado pela Marinha das Filipinas, a qual planeja compras de navios patrulha, corvetas e navios de ataque anfíbio, em um plano de ação que, inicialmente, deverá estar cumprida até 2023. Como mencionado pelo Comandante da Marinha das Filipinas, Vice-Almirante Giovanni Carlo, o recebimento de navios e equipamentos de última geração também deve ser visto como um desafio a ser conquistado, tendo em vista a importância da atualização da infraestrutura do país no escopo de guerra naval, bem como o treinamento e capacitação dos membros da Força, a qual conta com boa parte de seus equipamentos desatualizados.

Com o plano em curso, busca-se garantir maior

capacidade de assertividade e defesa de sua costa e mar territorial, além de impor uma presença mais significativa na região das Ilhas Spratly, a qual disputa reivindicações com a China. Não se deve esquecer, contudo, que outros países da região também vêm modernizando suas forças navais, como Indonésia, Tailândia e Vietnã. A equivalência de poder também é uma questão estratégica no âmbito regional.

Apesar dos avanços, a Marinha filipina ainda possui certos entraves institucionais e legais que afetam o seu desenvolvimento e ação. O “limbo” legal a qual se encontra atualmente, no que tange a sua missão, dificulta a justificativa de empreendimentos e investimento na Força, a qual divide tarefas ordinárias com outras instituições, como a Guarda Costeira. A separação do Corpo de Fuzileiros Navais, para a criação de uma quarta Força, também é uma questão delicada ainda presente no debate político e estratégico nacional. A disputa ininterrupta no Mar do Sul da China, entretanto, alerta para a necessidade de uma solução das questões burocráticas para o pleno emprego da Marinha na defesa dos interesses do país.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Exercícios navais conjuntos de estadunidenses e britânicos no Círculo Polar Ártico

Raphaella Costa

No dia 04 de maio de 2020 foi realizado um exercício conjunto entre as marinhas dos Estados Unidos e Reino Unido no Mar de Barents. A operação contou com a presença de embarcações estadunidenses *Aegis*, da classe *Arleigh Burke*, como os contratorpedeiros *USS Donald Cook (DDG 75)*, *USS Porter (DDG 78)* e *USS Roosevelt (DDG 80)*, o navio de apoio *USNS Supply (T-AOE 6)*, além de uma aeronave de patrulha marítima *P8-A Poseidon* e um submarino nuclear. A Marinha Real britânica apoiou a ação com a fragata *HMS Kent (F 78)* demonstrando a integração entre as forças aliadas e contando com cerca de 1.200 militares dessas nações no treinamento principal.

Recentemente, uma ação bilateral de guerra antissubmarina (ASW, sigla em inglês) já havia sido realizada no Mar da Noruega durante um treinamento que faz parte do curso de Comandantes de Submarino da Marinha Real Britânica. No entanto, essa foi a primeira

ação da Marinha dos Estados Unidos no Mar de Barents desde meados de 1980, parte de uma expansão constante das forças da OTAN para o Ártico.

O exercício bilateral entre estadunidenses e britânicos ocorreu mesmo após a Rússia ter imposto regras aos navios que desejassem transitar pela Rota Marítima Norte, entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Ainda que o referido exercício não tenha adentrado nesse corredor, sua realização objetivou reforçar a necessidade de segurança e estabilidade em uma região cuja condição ambiental desafiadora exige a manutenção de práticas de acesso aos mares no extremo norte do planeta, visando à preparação das Forças Armadas para possíveis ameaças globais.

Sendo uma região integrante do entorno estratégico russo e, por isso, sob sua influência, em 1º de maio de 2020 o Ministério da Defesa foi notificado por aquelas duas nações de forma a reduzir riscos e evitar retaliações de Moscou às práticas estrangeiras no local. No entanto, >>>

após o dia da vitória, comemorado na Rússia, a Marinha realizou um exercício de torpedos no Mar de Barents em resposta à presença indesejada das forças da OTAN

no Ártico, provocando a retirada de estadunidenses e britânicos da região.



TEMAS ESPECIAIS

O dilema do Estado: operações cibernéticas durante a COVID-19

Louise Marie Hurel

No início de março, o segundo maior hospital da República Tcheca sofreu um ciberataque nos seus sistemas, levando ao desligamento de todas as suas redes e ao cancelamento de todas as cirurgias marcadas. O hospital era um dos principais centros de testes de coronavírus. O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, pronunciou-se publicamente, condenando os ataques e ressaltando que os EUA teriam “tolerância zero” com qualquer ação similar direcionada contra seu país ou parceiros internacionais. Essa não é a primeira vez que o sistema de saúde esteve na mira de hackers: em 2017, o *ransomware* WannaCry afetou milhares de sistemas no mundo todo, em especial o sistema de saúde do Reino Unido. No entanto, em tempos de pandemia, tais ataques trazem importantes questões sobre a legalidade dessas atividades e, se atribuídos a um Estado, sobre o uso da força e a violação da soberania.

Com o setor de saúde no foco das respostas à COVID, qualquer ataque que comprometa o funcionamento desse setor crítico, por mais que realizado via redes e sistemas, tem impactos reais, humanos. As operações cibernéticas introduzem uma mudança significativa na

interpretação da natureza de conflitos, tornando tanto a identificação do perpetrador quanto a resposta e a identificação dos riscos mais difícil. O limiar do conflito armado no espaço cibernético permanece nebuloso – há pouco entendimento sobre quais proteções e sanções são aplicáveis e quais as responsabilidades dos Estados em responder, por exemplo, a um ataque como esse perante o Direito Humanitário Internacional (DHI).

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha, acadêmicos, empresas de tecnologia e Estados (Austrália, Cingapura, União Europeia, etc.) já se pronunciaram publicamente sobre a necessidade de se proteger o setor de saúde contra ciberataques. No DHI, é ressaltado que Estados devem tomar todas as precauções necessárias para proteger infraestruturas civis contra os riscos de operações militares, que incluem as cibernéticas. Mais do que nunca, o ambiente cibernético está no centro da discussão sobre a preservação da vida e da saúde das populações. É imprescindível que os Estados cheguem a um consenso sobre a aplicabilidade dessa norma, especialmente em foros internacionais ([Boletim 100](#)).

- ▶ [Oil And Gas Geopolitics And Its End](#)
MODERN DIPLOMACY, Giancarlo Elia Valori
- ▶ [Hong Kong Calls. Can Europe Respond?](#)
CARNEGIE EUROPE, Judy Dempsey
- ▶ [How China Is Planning To Win Back The World](#)
THE ATLANTIC, Kathy Gilsinan
- ▶ [Implications Of The Us Withdrawal From The Open Skies Treaty](#)
THE DIPLOMAT, Rajeswari Pillai Rajagopalan
- ▶ [Exercise To Unite Four Combatant Commands To Test Homeland Defenses For The First Time](#)
NAVY TIMES, Geoff Ziezulewicz
- ▶ [Report To Congress On Navy Light Amphibious Warship](#)
USNI NEWS
- ▶ [America's Geostrategic Triangle Tussle Takes Center Stage During The Coronavirus](#)
THE NATIONAL INTEREST, George Beebe
- ▶ [How We Broke The World](#)
THE NEW YORK TIMES, Thomas L. Friedman

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JUNHO

09 179ª Reunião da OPEP, em Viena

18-19 Reunião do Conselho Europeu

24 Parada do Dia da Vitória, Moscou

27 Eleições presidenciais na Islândia

29 Restrição à exportação de tecnologia para uso militar dos EUA para Rússia, China e Venezuela

JULHO

01 Votação sobre as alterações constitucionais de Putin

01 Entrada em vigor do acordo comercial entre EUA-México-Canadá (USMCA)

05 Eleições presidenciais na República Dominicana

17 Lançamento da missão Mars Rover 2020 da NASA

19 Eleições parlamentares na Síria

31 Fim das sanções econômicas impostas pela União Europeia sobre a Rússia

REFERÊNCIAS

- **Indústria pesqueira argentina: impactos da pandemia?**

[Capturan a dos embarcaciones extranjeras pescando de manera ilegal en aguas argentinas](#). El Litoral, 04 maio 2020. Acesso em: 16 maio 2020. REPÚBLICA ARGENTINA. [Impacto de la pandemia – COVID.19 – sobre el sector pesquero](#). CAPECA, 19 abr. 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

- **Marinha dos EUA testa com sucesso arma laser**

[Drones: Reporting for Work](#). Goldman Sachs Research. Acesso em: 28 maio 2020.
ECKSTEIN, Megan. [VIDEO: USS Portland Fires Laser Weapon, Downs Drone in First At-Sea Test](#). USNI News, 22 maio 2020. Acesso em: 28 maio 2020.

- **Pandemia afasta Estados Unidos e aproxima China da América Central e Caribe**

FARNSWORTH, Eric. [How China Is Using COVID-19 to Advance Its Interests in Latin America](#). World Politics Review, 26 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

MENCHU, Sofia. [Guatemala president scolds U.S for deporting migrants with coronavirus](#). Reuters, 21 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

- **Crise do petróleo e debilidade fiscal na Nigéria**

OLUROUNBI, Ruth. [Nigeria dangerously exposed to oil crash](#). Petroleum Economist, 24 mar. 2020. Acesso em: 19 abr. 2020.

UDO, Bassey. [Interview: Oil Crisis: Why Nigeria needs to act urgently – Ex-DPR director](#). Premium Times, 09 mar. 2020. Acesso em: 19 abr. 2020.

- **A represa da discórdia entre Etiópia e Egito**

HENDAWI, H. [Egypt's Al-Sisi holds military meeting amid tension with Ethiopia](#). The National, 03 mar. 2020. Acesso em: 25 maio 2020.
[Ethiopia deploys missiles as Nile dispute with Egypt escalates](#). The New Arab, 19 maio 2020. Acesso em: 25 maio 2020.

- **As incertezas que rondam os projetos navais e nucleares britânicos**

CHUTER, Andrew. [Britain to restart competition for fleet solid support ships, but who's allowed to bid?](#). Defense News, 07 maio 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

PLANT, Tom. [Britain's Nuclear Projects: Less Bang and More Whimper](#). RUSI, 22 jan. 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

- **Incertezas em Israel: assentamentos na Cisjordânia e posicionamento de Netanyahu**

[Netanyahu trial: Israeli prime minister faces Jerusalem court](#). BBC, 24 maio 2020. Acesso em: 28 maio 2020.

MELHEM, Ahmad. [Palestinian leaders' confused messaging over next steps with Israel](#). Al-Monitor, 22 maio 2020. Acesso em: 28 maio 2020.

- **Marinha do Egito: uma década de reaparelhamento**

GAMAL, Mahmoud. [Egypt's navy modernization. The growth of new power in the Middle east](#). Naval News, 01 fev. 2019. Acesso em: 27 maio 2020.

SUTTON, H. I. [New Submarines Spearhead The Egyptian Navy's Expanding Capabilities](#). Forbes, 09 maio 2020. Acesso em: 27 maio 2020.

- **O rearmamento da Marinha da Rússia: O Almirante**

- **Golovko, o Knyaz Vladimir e o Poseidon**

NILSEN, Thomas. [Russia's 'doomsday drone' prepares for testing](#). The Barents Observer, 26 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.
[Shipbuilders float out latest frigate for Russian Navy](#). Tass, 22 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

- **Gazprom avança com Power of Siberia 2**

PALLARDY, Diane. [GIF Inside story: Power of Siberia 2's new route makes Russian gas supplies to China more feasible](#). ICIS, 30 abr. 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

KATONA, Viktor. [Russia's Gazprom Moves Forward With New Mega Pipeline](#). Oil Price, 03 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

- **Contenção à China: turbulências internas e externas**

[Taiwan vai ajudar população a deixar Hong Kong se lei for aprovada](#). Mundo ao Minuto, 27 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

CROWLEY, Michael; WONG, Wong; SWANSON, Ana. [Rebuking China, Trump Curtails Ties to Hong Kong and Severs Them With W.H.O](#). New York Times, 29 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

- **A força do dragão subaquático: classe TYPE 094A Jin da Marinha chinesa vai ao mar**

LARSON, Caleb. [China's Type 094-Class Nuclear Missile Submarine: The Ultimate Paper Tiger?](#) The National Interest, 30 abr. 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

CHAN, Minnie. [Chinese navy puts two new nuclear submarines into service](#). South China Morning Post, 29 abr. 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

- **Afeganistão como palco de disputas geopolíticas**

SHORT, Fina. [China to push for stable Afghanistan in regional conference](#). Foreign Brief, 18 maio 2020. Acesso em: 29 maio 2020.

PANDEY, Shubhangi. [Understanding China's Afghanistan policy: From calculated indifference to strategic engagement](#). Observer Research Forum, 06 ago. 2019. Acesso em: 29 maio 2020.

- **Manila atualiza sua Marinha: A fragata FF-150 e outras questões**

MOGATO, Manuel. [Navy Plans 50-Ship Maritime Force To Strengthen Claims on Disputed Seas: BRP Jose Rizal Arrives](#). One News, 25 maio 2020. Acesso: 29 maio 2020.

GOTINGA, JC. [New Navy chief wants 'modern systems, mindsets' as new assets replace ailing ships](#). Rappler, 03 fev. 2020. Acesso: 29 maio 2020.

- **Exercícios navais conjuntos de estadunidenses e britânicos no Círculo Polar Ártico**

[America and Britain play Cold War games with Russia in the Arctic](#). Olt News, 10 maio 2020. Acesso em: 13 maio 2020.

MANARANCHE, Martin. [U.S. Navy & Royal Navy Conduct Anti-Submarine Exercise In The Arctic](#). Naval News, 04 maio 2020. Acesso em: 11 maio 2020.

- **O dilema do Estado: operações cibernéticas durante a COVID-19**

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. [International Humanitarian Law and Cyber Operations during Armed Conflicts](#). Comitê Internacional da Cruz Vermelha, nov. 2019. Acesso em: 28 maio 2020.

KUBO, Mačák; TILMAN, Rodenhäuser; LAURENT, Gisel. [Cyber attacks against hospitals and the COVID-19 pandemic: How strong are international law protections?](#). Humanitarian Law & Policy, 02 abr. 2020. Acesso em 28 maio 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Saudi-led coalition says it shot down two Houthi drone](#). Al Jazeera, 01 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya: At least five civilians killed in Tripoli rocket attack](#). Al Jazeera, 01 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [U.S. denies acting against Venezuela's Maduro, says would have been "overt"](#). Reuters, 08 maio 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [First Russian Strikes in 3 Months Hit NW Syria – Monitor](#). The Moscow Times, 03 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Why maritime crime persists in Gulf of Guinea](#). The Nation, 01 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Ukraine will 'never surrender sovereign control over Donbass or Crimea'](#) DW, 02 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- ESTADOS UNIDOS — Semana de protestos em várias regiões do país: [Pandemic, Protests and Police: A Primary Election Like No Other](#). The New Times, 02 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- AFGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: [Taliban Will Pursue Both Peace Talks and Jihad: Deputy Chief](#). Tolo News, 03 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflitos entre governo e forças Insurgentes: [Moçambique: Dois cabecilhas de grupos terroristas são abatidos em Cabo Delgado](#) DW, 01 jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.
- MAR DO SUL DA CHINA & HONG KONG — Avanço chinês sobre as regiões: [World cannot ignore Chinese aggression in South China Sea](#). Nikkei, 30 maio 2020. Acesso em: 03 jun. 2020; [The End of Hong Kong As We Know It](#). The Diplomat, 30 maio 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.